

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 143 — Domingo, 4 de Março de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA  
"CARA ALEGRE"

A melhor revista  
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias - Preço 4800

AVENÇA

## REGIONALISMO

Por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

PRIMEIRAMENTE, haverá que definir o que se entende por regionalismo e, certamente, sê-lo-á toda a política construtiva tendente a desenvolver, sob todos os aspectos, a totalidade das regiões que constituem o País. Assim, teremos que pensar nas escolas, nos fontanários ou na água canalizada, nas estradas, nas bibliotecas, no desporto, no verdadeiro turismo, na intensificação do fabrico e produção dos artigos regionais ou específicos de uma região, na protecção dos trabalhadores, dos comerciantes, industriais e proprietários — tentando harmonizar os seus mútuos interesses sem

Foram concedidas  
verbas para a construção do  
apeadeiro do Guadiana

e outros melhoramentos

O sr. ministro das Obras Públicas através do Fundo do Desemprego, concedeu as seguintes participações para obras na nossa provincia:

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, para construção do apeadeiro terminal do caminho de ferro em Vila Real de Santo António, reforço, 55.200\$00.

A direcção do Refúgio Aboim Ascensão, para construção de um pavilhão do Preventório da Primeira Infância, em Faro, reforço, 39.000\$00; ao Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, para construção do edificio-sede, em Lagos, reforço, 100.000\$00; Junta Central das Casas dos Pescadores, para construção do Centro de Assistência Social em Quarteira, reforço, 108.000\$00; a direcção dos Amigos dos Pequenos, para construção de um infantiário, em Silves, reforço, 50.000\$00.

prejuízos reciprocos — na conservação dos monumentos de real valor, no melhoramento paisagístico, nas edificações, no aumento do nível de vida, etc., etc..

Teremos ainda que defender um pouco a tradição, para que esta se não esfume totalmente com o rolar dos anos, sem que esse facto constitua, todavia, um estagnamento prejudicial ao progresso — àquele verdadeiro progresso de que tanto necessitamos.

No campo do regionalismo, é possível que certas regiões estejam, desde já, mais adiantadas do que outras, e aqui estará, por certo, uma necessidade de igualdade, de intensificação do trabalho concernente à melhoria dessas regiões, de modo a colocá-las ao nível das outras. O País é uma unidade, e como tal deve ser sempre encarado. No entanto, quer parecer-nos que o Alentejo, por exemplo, está muito mais atrasado do que o Norte e o Centro. Talvez os estudos destas questões encontrem para isso uma justificação ou uma desculpa, mas nós, os leigos, aqueles que percorremos o País e reparamos no estado das suas terras e no que representa as suas gentes, não descortinamos, na nossa fugidia passagem, qualquer motivo que nos convença.

O Alentejo é pobre e rico, simultaneamente. Parece uma afirmação paradoxal, mas tem o seu sentido. É rico na imensidade das suas terras e das suas culturas, (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A TERCEIRA FASE DO SANEAMENTO OBRA QUE SE IMPÕE MUITO

mereceu apreciação do Conselho Municipal

REUNIU-SE, sob a presidência do sr. dr. Alonso Vasques, o conselho municipal, que aprovou o relatório da gerência camarária do ano findo, segundo o qual a receita foi de 5.679.766\$10, e a despesa de 5.724.357\$40, assim discriminados: Débito—Saldo em dinheiro do ano anterior, 1.905.096\$60; receita ordinária: impostos, taxas e outros rendimentos, 3.107.697\$20; reembolsos e reposições, 155.589\$60; consignações, 149.708\$20; receita extraordinária, 385.674\$50. Total, 5.679.766\$10. Crédito — Despesa ordinária: encargos de empréstimos, 340.974\$20; pessoal, 459.956\$90; assistência, 147.157\$50; outras despesas, 1.992.446\$10; consignações, 156.957\$20; despesa ordinária, 646.905\$40; saldo que transita para o ano seguinte, 1.955.408\$70. Total, 5.679.766\$10. Pelo que se verifica, na receita ordinária, capítulo Impostos Indirectos, a cobrança excedeu todas as respectivas verbas, principalmente a do imposto «ad-valorem» sobre o peixe, cuja previsão no orçamento era de 600.000\$00 e se cobraram, 1.266.851\$20. Na des-

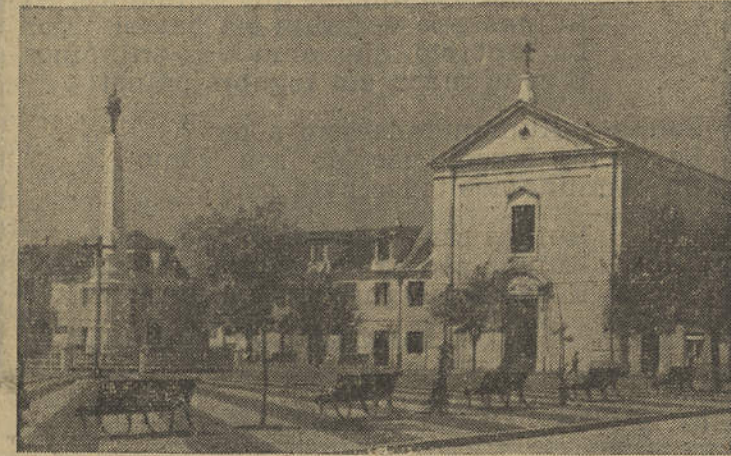
(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A PROPAGANDA DO ALGARVE

### E O REVERSO DA MEDALHA

SOB o titulo «A propaganda do Algarve e o reverso da medalha», publicou o nosso preza-do colega «O Primeiro de Janeiro» um artigo do grande amigo do Algarve Daniel Constant, em que se dizem aquelas tristes verdades que todos nós já conhe-

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)



## COMO UM CRONISTA viu a nossa terra

ALVARO valente, prosador de singulares recursos estilísticos, percorreu o Algarve de carrinha, e da sua original e curiosa digressão dá-nos conta, através de uma excelente crónica publicada no último número da «Rodoviária» e da qual, com a devida vénia, extraímos a parte que se refere à nossa terra.

Seguimos para Vila Real de Santo António, onde

havíamos de almoçar. No caminho ia-me lembrando se ali nos aconteceria o mesmo de Sagres, visto que não avisáramos de véspera e não encomendáramos o almoço...

Vila Real era outra loiça. Não havia necessidade alguma de avisos ou encomendas.

Tivemos, para o almoço, cabeça de atum assada no forno — a que dão um nome que a gente maldiz e que me esqueceu... O que nunca me esqueceu foi a maravilha do saborosíssimo pitau regional, manjar divino que nos deixou saudades para sempre!

Depois do almoço percorremos o burgo. Já conhecia, por tradição, que a sua fisionomia lembrava a «Baixa» de Lisboa, com as ruas paralelas e iguais, todas da mesma largura e perpendiculares.

Não me surpreendeu, portanto. O que me surpreendeu foi o seu cais e o seu

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## O MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS FOI AUTORIZADO A DISPENDER 13.800 CONTOS COM A NOSSA DOCA DE PESCA

À HORA de encerrarmos o nosso jornal, fomos informados da publicação dum Decreto, na folha oficial, em que o Governo da Nação autoriza o Ministério das Obras Públicas a dispendir a quantia de 13.800 contos com a construção da doca de pesca de Vila Real de Santo António, devendo as citadas obras ser executadas dentro do prazo de quatro anos.

Tão grata noticia fará certamente rejubilar a população na nossa vila, pelo que ela representa de benefício para o concelho e suas actividades marítimas, industriais e comerciais.

Enquanto aguardamos o conhecimento completo do texto do diploma oficial para sobre ele fazermos algumas oportunas considerações no próximo número do nosso semanário, «Noticias do Algarve», em nome dos habitantes pombalinos apresenta respeitosos e efusivos agradecimentos ao sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira, ilustre ministro

## Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

### Página Literária

Passava eu, muito sossegada da minha vida, quando oiço gritar: «olha a página, trás a página literária!» Achei curioso o pregão, pela originalidade. Tirei-me de meus cuidados, e comprei o matutino. A viagem era longa, meia hora ou mais, a página literária caía do céu...

Não caiu do céu. Catu, uma grande parte, da América, outra parte da França. Numa página literária portuguesa, dois colaboradores estrangeiros dividiam a parte de leão... Deixei tombar a folha, desalentada. Ainda se houvesse justificação convincente... Beleza formal, conteúdo de interesse — porque ensinasse ou apenas porque distraísse... Mas o artigo sobre a criança americana resumia vulgaridade, capim, frieza. Aqui e ali, um disparate que estômago de além-Atlântico poderão tolerar, mas que ao nosso gosto, à nossa cultura, repugna.

### Continuação

Dobro, displicente, o jornal. Atiro os olhos lá para fora, à procura de ar livre. Está frio. Passa um rapazinho — criança, quase — de sandálias, sem meias. Moço de drogaria. Leva, no ombro, um carregueiro impossível. Outro, à porta da loja, medita sobre papéis rascunhados. Levanta a cabeça. Mostra-me uns olhos piscos e doentes. Maceirados. Dois trapinhos de cor desbotada na lizívia.

O artigo da página literária fala-nos de crianças. Crianças americanas. Eu, que amo as crianças de todo o mundo (o amor é a Pátria das crianças), eu sinto amargo na boca e na alma. E este súbito interesse de um jornal português pelos assuntos infantis não consegue comover-me.

### No cabeleireiro

Não sei quem possa perder tempo nos cabeleireiros. Se te-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## O DR. BACELAR OLIVEIRA

ILUSTRE PROFESSOR DA FACULDADE PONTIFÍCIA DE FILOSOFIA

entrevistado por VITOR DE SA

suas entrevistas. Devo agradecer-lho...

— Há muito desejávamos entrevistá-lo, mas... agora estarão ultimados os trabalhos...

— Últimamente não. Um Congresso é um momento culminante duma actividade que se desenvolve. No que significa de assembleia reunida, dentro dum determinado período de tempo, o congresso tem a sua passagem. Mas o que há de mais essencial não é isso, mas sim o que significa, a sucessão de elementos pessoais, institucionais, científicos, doutrinários em que se encadeia. Neste aspecto o Congresso, é o resultado duma actividade precedente e deve causar um efeito que se faça sentir no período seguinte.

— ...resultado, pois, e efeito... — Resultado de um trabalho latente, por vezes despercebido até daqueles que o executam. Mas é certo que uma iniciativa não tem êxito se não procede duma gestação adequada. Só aí pode gerar-se, formar-se, surgir. Que o Congresso constituiu um êxito superior a quanto se esperava, não o ouvimos negar a ninguém que nele tenha participado, e que o tenha conhecido de facto como Congresso.

O Congresso de Braga teve, de facto, o que podia desejar-se dele: amplitude, doutrina, divisão sistemática da mesma segundo os grupos, interesse e elevação surpreendentes em muitos trabalhos e, sobretudo, nos seus debates. Fui o primeiro a ficar surpreendido com o funcionamento do Congresso, porque, dado o cargo que tinha, era talvez o que mais temia pelo seu nível neste ponto.

Recordamos aos nossos leitores que o sr. dr. Bacelar Oliveira era o secretário do Congresso.

Comemoração do 26.º aniversário da Casa do Algarve

A Casa do Algarve, comemorará no próximo dia 8 do corrente, pelas 21,30 horas, o 26.º aniversário da sua fundação e 126.º aniversário do seu patrono, o imortal lírico e pedagogo, João de Deus, com uma sessão evocativa em que usarão da palavra os srs. major Mateus Moreno, dr. J. D. Garcia Domingues e José Raul da Graça Mira, respectivamente, presidentes da Direcção e da Comissão Cultural da colectividade e vice-presidente da sua Comissão de Turismo e Propaganda. Completará a sessão um recital poético, seguido da exibição de filmes.

Quando aparece quem promovia há quem corresponda

— Trabalho executado através do País, evolução do clima de interesse pelos temas filosóficos, concentração de energias dos sectores dispersos, anuência dos melhores Mestres à voz da convocação.

Da parte de Braga, um ambiente propício, pelas autoridades e pela população. Nem sempre é verdade que os nossos meios vivam alheios pelos problemas da cultura. Carecem, é certo, muitas vezes, de instituições adequadas que orientem e promovam. Quando estas aparecem, há correspondência. É uma correspondência é coisa que não se forja, pelo menos em assuntos desta natureza. Vê-se que não falta nem matéria nem alma. Faltam os meios para fazer frutificar e

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## O ADIDO MILITAR BRITÂNICO

Visitou Faro e Lagos

Veio ao Algarve, em visita às unidades militares aquarteladas nesta provincia, o sr. tenente-coronel George Gilbert, adido militar britânico em Portugal, que esteve, em Faro, no Regimento de Infantaria 4 e, em Lagos, no Batalhão de Caçadores 4.

Em ambas as unidades o sr. tenente-coronel Gilbert foi recebido pelos respectivos comandantes e oficialidade, tendo sido alvo das maiores atenções.

## IMPRENSA

### "LA HIGUERITA"

Festejou mais um ano de publicação, o 44.º, o nosso prezado colega espanhol «La Higuera», que se publica em Isla Cristina e é o decano da imprensa da provincia de Huelva.

Por feliz coincidência, festejou, no mesmo dia, mais um aniversário natalício o seu ilustre director, D. Juan Bautista Rúbio, a quem apresentamos cumprimentos de felicitações, desejando-lhe, e ao jornal que brilhantemente dirige, as maiores prosperidades.

### "COMÉRCIO DE PORTIMÃO"

Depois de um período de suspensão, devido ao falecimento do seu antigo director e fundador, sr. Augusto M. Leal, reiniciou a sua publicação este nosso prezado colega, que se apresenta dirigido pelo sr. Pedro Octávio da C. Leal, filho do fundador daquele prestigioso semanário.

Com os nossos cumprimentos, desejamos ao estimado colega portimonense e ao seu distinto director os maiores êxitos e muitas prosperidades.

# Noticias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Estiveram em Lisboa, a tratar de assuntos relacionados com a industria de conservas, os industriais nossos conterrâneos srs. Mário Garcia Ramirez e João Folque de Brito.

Regressou de Lisboa, aonde foi visitar o seu filho, o nosso prezado assinante sr. Manuel António Munhoz.

Acompanhada de seu filho, Joaquim C. da Cruz Palermo, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Ana da Cruz Palermo, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. António José Palermo, residente em Santa-Maria (Açores).

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado assinante sr. José António Madeira, 1.º cabo da Guarda Fiscal.

Vindo de Lisboa, onde terminou o serviço militar, encontra-se nesta vila o sr. Angelo Camarada Carro.

A cumprir o serviço militar, encontra-se em Leiria o sr. Victor da Silva Ruivo, filho do nosso prezado assinante sr. António Ruivo Madeira.

De visita a sua familia, encontra-se nesta vila o sr. José Adelino Canelas, que está cumprindo o serviço militar em Lisboa.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua familia, o nosso prezado amigo e assinante sr. ten. Veterinário dr. Santiago João Carrilho Medeiros.

Esteve nesta vila, de visita a sua familia, o nosso prezado assinante sr. João Franco Serra, tendo já retirado para Angra do Heroísmo (Açores), onde reside.

## Nascimentos

No passado dia 1 do corrente, teve o seu bom successo, num quarto particular da Misericórdia desta vila, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Adelaide Carrilho Medeiros Madeira Pinto, esposa do nosso prezado amigo e colaborador sr. eng. Acácio Madeira Pinto.

Teve o seu bom successo, no passado dia 2 do corrente, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Fernanda Martins Lança, esposa do nosso estimado assinante sr. Virgílio Antunes Lança, empregado superior da firma Ramirez & C.ª (Filhos), Lda.

## Doente

Foi submetido a uma intervenção cirúrgica, na passada quinta-feira, no hospital de Faro, o sr. capitão Carlos Marques Loureiro, dedicado comandante distrital da P. S. P.

Foi operador o sr. dr. Henrique Balté, assistido pelos srs. dr. Guerreiro Pereira e Rocheta Cassiano, tendo a operação decorrido com muita felicidade.

Desejamos ao sr. cap. Carlos Marques Loureiro um pronto restabelecimento.

## Lusitano Futebol Clube

No próximo dia 14 do corrente, no seu salão de festas, apresenta o Lusitano Futebol Clube a revista-fantasia *Era uma vez*, composta de 2 actos e 12 quadros.

Este espectáculo tem a colaboração da Sociedade Recreativa Progresso Olanhense.



**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositarário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**

Avenida da República  
— Telefone 12 —

Assinal e propague "Noticias do Algarve"

# RUÍNAS

( I N É D I T O )

Ruínas somos todos nós, que andamos À procura da Torre de Babel; Ruínas de ambições que nós criamos, Gafadas de amarguras e de fel.

Ruínas dos amores que sonhámos, Ruínas que vogaram em baixel Da fantasia, que uma vez trilhámos E se afundou em lúgubre painel!

Sonha a Humanidade com a paz? Os sábios fazem uso do seu génio Ou caminhamos todos para trás?

Ruínas são as lutas fratricidas, Ruínas são as bombas de hidrogénio E as ideias guerreiras difundidas!...

MARCOS ALGARVE

## EM PROL DOS BOMBEIROS

### ATINGIU OS PRIMEIROS 15 CONTOS A SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DESTINADA A AUXILIAR A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL-SEDE PARA OS NOSSOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

AS generosas ofertas de donativos feitas pelos vilarrealeses e amigos de Vila Real de Santo António permitem hoje anunciar que a soma das importâncias recebidas, para ajudar os nossos Bombeiros a edificar a sua sede, atingiu a casa dos quinze contos. Quanta claramente insuficiente em relação às reais necessidades financeiras da obra projectada, ela demonstra, contudo, a boa-vontade de cooperação de todos quantos até esta data concorreram com as suas dádivas para tornar possível a concretização dos referidos números, e aos quais os componentes da comissão encarregada deste movimento testemunham os seus melhores agradecimentos.

Eis a actual posição da respectiva conta:

Transporte . . . . .	14.357\$30
Donativo entregue por pessoa amiga dos Bombeiros ao sr. comandante Figueiredo.	500\$00
Zé Luiz . . . . .	1\$00
Oferta do sr. Raúl Crespo, residente em Leiria . . . . .	100\$00
Oferta do sr. Sérgio Peres, prémio correspondente a uma participação gratuita na Lotaria do Natal . . . . .	4\$50
Oferta do sr. António Gomes Toledo, em cooperação com o chefe do posto da P. S. P. desta vila . . . . .	227\$50
Juros capitalizados por depósito, no ano de 1955 . . . . .	282\$10
Oferta de um amigos dos Bombeiros — J. B. . . . .	50\$00
Soma . . . . .	15.472\$40

## HOMENAGEM ao dr. João Dias

E' com prazer que a Comissão Angariadora de Fundos para a construção, na vila de Alcoutim, de um busto ao saudoso benemérito dr. João Dias, tem verificado que uma grande parte, senão quase todos os alcoutinenses e amigos do dr. Dias, têm correspondido ao apelo feito nas páginas do «Noticias do Algarve», pelo que acusa e agradece o recebimento de mais os seguintes donativos:

Transporte . . . . .	10.737\$20
Manuel António Dias . . . . .	20\$00
José Francisco Madeira . . . . .	20\$00
D. Praxedes Trindade e Lima . . . . .	100\$00
António Jacinto Teixeira . . . . .	20\$00
José Carneira . . . . .	20\$00
José Fernandes Caleja . . . . .	100\$00
António Guerreiro Patrocínio . . . . .	10\$00
José Guerreiro Patrocínio . . . . .	10\$00
Custódia Maria . . . . .	100\$00
António Américo . . . . .	20\$00
David Cândido Palma . . . . .	20\$00
António Joaquim Fernandes . . . . .	100\$00
Lucília Pereira Pimenta . . . . .	50\$00
Manuel Simplicio Palma . . . . .	20\$00
João Gomes Alves . . . . .	500\$00
Joaquim António Rosado . . . . .	50\$00
José de Sousa Borges . . . . .	50\$00
José Lotário da Silva Xavier . . . . .	100\$00
A transportar . . . . .	12.047\$20

Qualquer donativo para o fim em vista deve ser enviado para o presidente da Câmara, comandante do Posto da G. N. R. ou provedor da Misericórdia.

## CINE-CLUBE

Para a sua 8.ª sessão, no dia 20 do corrente mês, o Cine-Clube decidiu escolher o esplêndido filme, há muito esperado, *O comboio apitou três vezes*, do realizador Fred Ziemann.

# PROVINCIA

## TAVIRA

Orfeão dos C. T. T.  
No próximo dia 9 do corrente, vem a Faro dar um espectáculo no «Cine Teatro Santo António», este apreciado Orfeão dos C. T. T. composto de cerca de 50 figuras, constituído por funcionários da respectiva Administração e dirigido superiormente pelo insigne artista sr. Frederico de Aguiar. O elenco actuará também em teatro e num interessante fim de festa. De Tavira desloca-se a Faro, para assistir a este interessante espectáculo, um autotocar com inúmeros admiradores desta bela arte.

Curso de Sargentos Milicianos  
Terminou mais uma escola de Sargentos Milicianos nesta cidade, a qual possui o melhor quartel do Algarve e que durante cerca de 6 meses animou com a sua presença a «Veneza Algarvia». Voltamos novamente à vida habitual que costuma presidir em Tavira. Oxalá para a próxima escola possamos ver novos rapazes, que é sempre um motivo de alegria para esta cidade.

Semana Santa em Almonte  
Tudo se prepara, naquela vizinha cidade espanhola, para as grandiosas festas da Semana Santa, que costumam atrair muitos portugueses. Este ano, segundo informações colhidas, as referidas festas prometem ser melhores, pelo que os portugueses serão, como sempre, muito bem recebidos. De Tavira, como é hábito, muitas famílias pensam assistir a tão interessante manifestação religiosa.

Aniversários  
Fazem anos, no corrente mês, os nossos prezados amigos srs. Damiano José Afonso Ferreira e Luis da Encarnação Andrade. Muitos votos de muitos anos, são os nossos desejos.—e.

ALGOUTIM  
Novo barco a motor «Mértola»  
No passado dia 29 de Fevereiro, vindo de Vila Real de Santo António e trazendo a bordo os seus proprietários, sr. dr. Emílgio Lima e filhos e demais pessoal, passou por esta vila, onde esteve atracado algum tempo, com destino a Mértola, o novo barco a motor «Mértola», que se destina ao transporte de passageiros e mercadorias entre Vila Real de Santo António e Mértola.

A sua chegada, era aguardado por muitos populares, funcionalismo e autoridades locais, que logo que o mesmo atracou, vistosamente embandeirado, o foram visitar, percorrendo as suas instalações, que são excelentes.

O novo barco, com as suas linhas elegantes e excelentes comodidades, não só honra Vila Real de Santo António, onde foi construído, como

beneficia o transporte de passageiros e mercadorias entre Vila Real e Mértola, servindo Alcoutim e os diversos agregados populacionais que se encontram na margem do Guadiana.

Festas da vila  
Pela Comissão executiva das Festas da vila de Alcoutim, cujo produto reverte a favor da construção do hospital sub-regional, foi patente ao público o balancete da receita e despesa das festas realizadas no ano anterior, tendo-se verificado um saldo de 13.914\$80.

Notícia Pessoal  
Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Francisco da Palma Vilão, residente em Alcaria Cova, que na qualidade de Vereador Municipal veio assistir à reunião da Câmara.—e.

Contos Góticos  
nho companhia, ainda suportó Mas estar para ali feita mona, encostada num «maple» orelhudo e puido a aguardar que o digno M., «grande prémio de penteado artístico», segundo consta em gótico da cartolina na parede, possa atender-me... Olho, neurasténica, um monte de revistas: «Os Nossos Filhos», «Cruzeiro»... A primeira já conheço. Levanto o «Cruzeiro», que está por cima. Atrasado. 19 de Novembro do outro ano. Folheio sem grande atenção. Confesso. De repente (repararam quantas vezes, nos meus escritos, digo: De repente, nisto, de súbito, subitamente... A vida está sempre a dar-me prendas. Por isso gosto dela, como todas as meninas amimadas) de repente dou com um título imenso: «PORTINARI NA ONU».

O coração bate-me descompassado. Mergulho os olhos na reportagem, repleta de fotografias enormes, coloridas, de quadros do pintor célebre.

Grande prémio, etc.  
Chamam por mim. A N., ajudante de M. Reparo que já deve ter chamado várias vezes. A voz dela é levemente agastada. Imaginem, faer esperar o grande artista, primeiro prémio de penteado, prática em Paris, ex-empregado de não sei quem, em Madrid, conselheiro de modas da imprensa e da rádio... Ele, que tem cada minutinho contado...

Entro. Ele está encostado à cadeira. Vem ao meu encontro com um sorriso... como direi? —um sorriso feminino, enxerto mal ajustado na cara barbuda e angulosa.

— Como está, Madame? Madame responde-lhe, vagamente, que está bem. Muito obrigada. Sento-me. E quando o grande artista, grande prémio, etc., se debruça, solícito, para o meu pobre cabelo, levanto-me da cadeira — um momento, por favor! — corro à sala de espera, trago o «Cruzeiro», abro no quadro da paz, encosto-o à vidraça mesmo defronte. Sento-me. O artista aguarda um pouco, suspenso. Olha, de relance, para o quadro e depois inicia a falna.

— Baixe a cabeça, Madame, por favor. Madame baixa a cabeça, dificilmente. Sinto que não facilmente o trabalho do artista. Inesperadamente, ouço uma voz meliflua atrás de mim.

— Se a Madame baixar a cabeça, ofereço-lhe a revista... Madame, resignada, concorda.

Sortilégio  
Há dias, fui ao colégio do A. Estava a dar aula. Uma lição de história. Bem, em vez de ficar para ali inútil, resolvi assistir.

E quanto ganhei! Falava-se na Revolução Francesa. Um assunto que eu julgava conhecer bem. Entretive-me, para enganar o tempo, a estudar a reacção do auditório. Depressa me cansei do jogo. Ergui os olhos para a parede. O mapa do corpo humano. Tal qual como somos por dentro. Sem romantismos. O maxilar, o longo tubo do esófago, lembram uma avestruz. Sorrio. O fígado, lá está. Bem maior do que eu pensava. Instintivamente, faço pressão no quadril direito.

Súbito, o A. levanta-se. A voz dele começa a ganhar presença nos meus ouvidos. Arrasta-me após si. O passado não está morto. Os nobres, a burguesia, as corporações, os camponeses. Interesses de uns e

# AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 24 de Fevereiro a 1 de Março:  
Entrados:  
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.  
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.  
RABAT, Alemão, de 1.434 ton., de Portimão, com carga em trânsito.  
ALBERGEN, Holandês, de 499 ton., de Génova, vazio.

Saídos:  
POORTVLIET, Holandês, para Berwick, com minério.  
MEDEIA, Holandês, para Cork, com minério.

ALABE, Panamenho, para Rotterdam, com minério.  
MADALENA, Português, para o Funchal, com sal e massa de marmelo.

MANGANG, Holandês, para Berwick, com minério.  
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

RABAT, Alemão, para Hamburgo, e Bremen, com cortiça e conserva.  
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

MURTEN, Suíço, para Génova, Argel, Casablanca, Matadi, Lagos e Freetown, com conservas e bidões de óleo vegetal.

FARMÁCIA DE SERVIÇO  
Está de serviço permanente, de 3 a 9 de Março, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

## Agradecimento

A viuva e familia de João Batista Forra vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu saudoso extinto à sua última morada, e bem assim às que lhes manifestaram o seu pesar.

## DR. JOÃO DIAS

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO  
João Gomes Veliça e familia, vêm, por este meio, informar a todas as pessoas que queiram assistir ao piedoso acto, que no dia 8 de Março, pelas 8 horas, na Igreja Matriz de Olhão, mandam celebrar missa comemorando o 1.º aniversário do falecimento do grande benemérito dr. João Francisco Dias, médico que foi em Alcoutim.

## -aos NOSSOS ASSINANTES

Informamos que, estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 14.ª série, e também de algumas que estão em atraso.

Agradecemos o seu bom acolhimento. A devolução, sem pagamento, representa para nós um prejuizo grande, sem vantagem para ninguém.

Os que, por qualquer motivo, não possam pagar ao correio, é favor enviarem depois a importância da assinatura, por vale ou outro meio seguro.

Res nosso assinantes de nosso Império Ultramarino, e bem assim aos do estrangeiro, pedimos a fides de nos enviarem o valor da sua assinatura, visto a dificuldade de cobrança.

Em FARO, adquira o «Noticias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

outros. Estão ali à minha frente, digladiam-se. Cinemascópio a sério. Agora, o A. dirige-se ao quadro. Com giz verde, desenha o paralelogramo da França. Como lhe saiu direito! E as cidades, cada uma no seu lugar. Marselha, Leão, Bordéus, Paris... Ao norte, o direito consuetudinário; ao sul, o direito romano. Vejamos agora o que se passa na Normandia...

A campanha, frenética, silva. Abana-me, como menino travesso a uma árvore carregada de fruta. Com um leve estremeamento, meus olhos tombam a árvore. Com pena. Tombam, surpresos ainda do chão que pisam.

Marla Manuela Nunes

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Secção orientada por VITORIANO ROSA

**Balanco da producao mundial em 1955**

O NÚMERO de Novembro do ano findo da revista «Cinema 56», órgão da Federação Francesa dos Cine-Clubes, dá-nos um balanço do panorama cinematográfico mundial de 1955.

Se é certo que alguns realizadores que mereciam anteriormente as esperanças do público atento nos fizeram duvidar do seu talento com filmes como «A romana», de Zampa, (proibido em Portugal), «A Este do Eden», (de Elia Kazan e anunciado para brevemente no S. Luis) e mesmo o «French-Cancan», de Jean Renoir, verificou-se em 1955 o regresso de Carl Dreyer, que venceu indiscutivelmente o Festival de Veneza com o seu belo «Ordet». Foi também em 1955 que se revelaram 7 novos realizadores de grande destaque: Alexandre Astruc, (de 32 anos); Yves Ciampi, (de 34); Robert Aldrich, (de 35); Sansonov, (de 31); Juan Barden, (de 33); Maselli, (de 24); Fellini, (de 35).

O cinema americano deu-nos alguns filmes de grande interesse, como «Marty», (que esteve em fraca semana no Monumental), e «A condessa dos pés nus», de Joseph Manckiewicz, (que o público da metrópole não verá, se bem que tenha sido autorizado nas colónias). Otto Preminger, depois da luta travada por causa do seu filme «Carmen Jones», (inteiramente interpretado por artistas de cor e baseado na famosa ópera de Bizet), meteu-se noutra alhada, abordando sem concessões o problema dos estupefacientes nos Estados Unidos. O filme está a causar um grande escândalo nos meios cinematográficos, pois Preminger recusa-se a subordinar-se aos ditames da censura americana. Preminger sustenta que o seu filme não conta mais nada senão a verdade e que se baseou em factos inteiramente reais, já relatados pela própria imprensa dos Estados Unidos. Com o título de «O homem com o braço de ouro» e uma magnífica interpretação de Frank Sinatra, será ele autorizado aos nossos olhos, pouco habituados o gozar do privilégio de serem adultos?

**CINE-ROZ**

Hoje, apresenta o espectacular filme em technicolor, ATILA, com Anthony Quinn, Sophia Loren e Henri Vidal.

Um verdadeiro flagelo de Deus, que nenhuma força humana conseguiu vencer.

O assédio de Roma pelos hunos. (Especialmente para indivíduos com mais de 18 anos).

Terça-feira, apresenta o grandioso filme O GRANDE ESPECTACULO, com Anne Baxter e Steve Cochran.

Um dos mais sensacionais e categorizados filmes da temporada.

Até que ponto uma mulher podia odiar... amando.

Essa mulher queria odiar... Mas o seu coração só albergava Amor. (Especialmente para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, apresenta o sensacional filme TODOS OS IRMÃOS ERAM VALENTES, com Robert Taylor, Ann Blyth e Stewart Granger.

**Um momento**

Apenas um momento, para vos dizer que aqui em Lisboa a actividade dos nossos estúdios parece estar completamente esquecida. Ao que se diz, Manuel Guimarães decidiu entregar-se já a outra profissão; José Ernesto de Sousa trabalha como publicista; Brum do Canto, mais afortunado, encontra-se nas nossas ilhas, a pescar...

Entretanto, continuamos a ver tudo em águas turvas. Ah! Já me esquecia de dizer que há meses foi anunciado nos jornais que o Governo tinha nomeado uma comissão para resolver o restabelecimento da actividade dos nossos estúdios. A única coisa, no entanto, que parece ter sido resolvido foi entregar aos americanos a bela ideia de se utilizarem deles para propaganda do folclore nacional... Imaginem só que eles vieram fazer a Portugal uma fita chamada «Lisboa». Há já quem trema só a pensar como aparecerá a nossa capital, depois de aparafusada nos estúdios de Hollywood.

**Mas que se passa?**

Por mais que não queiramos, por mais que nos esforcemos para não ver, a verdade é que o panorama cinematográfico português (o da exibição, bem entendido, que outro não temos) apresenta-se cada vez mais com aspectos desoladores. Os melhores filmes que se fazem lá fora jamais vêm até cá. Isto custa a dizer, mas é verdade. Estando a fazer agora um livro sobre o cinema francês, confesso que me sinto quase forçado a desistir, pelo simples facto de que, entre as obras importantes produzidas nos últimos dez anos, já enunciei 100, das mais fundamentais, entre aquelas que não vieram a Portugal. Como podemos nós formar hoje a cultura cinematográfica indispensável a qualquer espectador para ir decentemente ao cinema, sabendo discernir o falso do verdadeiro e não olhar embasbacado as figuras que se movem no «écran»?

Existe uma censura cinematográfica (e bem exigente, ao que dizem, e aprovo que o seja). Mas em que sentido há necessidade de uma censura exigente?

Nas sessões realizadas recentemente no SNI, durante a semana do cinema italiano, o dr. Delfim Santos afirmou que é indispensável encerrar o cinema como uma arte cujas nefastas influências, em certos aspectos, urge resolver. Parece-me bem que isso é um dever de todos nós.

**MADRINHAS**

para militares na Índia

Três militares, em serviço no Estado da Índia, pedem-nos que tornemos público o seu desejo de se corresponderem com senhoras que queiram prestar-lhes amparo espiritual.

São eles: Arnaldo Gomes Mateus, 1.º cabo n.º 614/55; António Afonso da Silva Medeiros, 1.º cabo n.º 605/55, e António Augusto Tavares, soldado n.º 675/55.

A correspondência deve ser dirigida para o Batalhão de Caçadores da Índia — Velha Goa — Índia Portuguesa.

**CONDIÇÕES DA HABITAÇÃO DA FAMÍLIA**

AS circunstâncias de atraso em que o País se encontrava até há três dezenas de anos tornavam-se particularmente evidentes nas suas precárias condições de habitação.

A série de persistentes esforços desenvolvidos pelo Estado de então para cá — documentada por uma legislação da qual importantes diplomas são exemplo frisante — encaminhou o problema da habitação para as soluções mais convenientes, tanto no domínio rural como nos centros urbanos.

Na análise deste fundamental problema adquire especial valor o trabalho realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em anexo ao IX Recenseamento Geral da população.

O inquérito às condições de habitação da família registou em primeiro lugar a existência de 2.563.450 prédios e o número de 2.274.499 fogos em Portugal.

A diferença entre o número de fogos e o de famílias — 2.047.439 — tem de ser considerado na base do conceito do agregado familiar. Para encabeçar a situação «de facto» da família quanto à instalação de que dispunha, reservou-se a palavra «habitação», que foi definida — como o fogo, a parte de um fogo, o grupo de fogos, ou qualquer outra instalação que fosse «utilizada» para esse fim.

Na estatística do I. N. E. as condições de habitação da família, aparecem classificadas, quanto à forma de ocupação, pelas rubricas seguintes: famílias sem habitação, famílias com habitação, sem ser em prédio; famílias com habitação em prédio ou parte de prédio não destinados a habitação; famílias com habitação em prédio, ocupando um fogo e, destas, aquelas cujo fogo ocupa todo o prédio.

O boletim do Instituto de Estatística indica para estas rubricas e para o total

**EDITAL**

Dr. Manuel Elias Trigo Pereira, Intendente de Pecuária em Faro:

Faço saber, para fins do disposto no art. 12.º do art. 93.º do Decreto-lei n.º 27 207, de 16 de Novembro de 1936, que a firma Viuva de José Joaquim Capa & Filhos, com sede em Vila Real de Santo António, requereu Alvará de licença para instalar e explorar um «Depósito de Bacalhau», sito na Rua S. João de Brito n.º 51 e 53 da referida vila. E, como este estabelecimento está incluído na Classe 2.ª da Tabela II anexa ao Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, aprovado pelo Decreto n.º 8.364, de 5 de Agosto de 1922, com o inconveniente de cheiro, são por isso e em conformidade com as disposições do mesmo Regulamento, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na sede desta Intendência de Pecuária, Rua Conselheiro Bivar n.º 39, da cidade de Faro, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida, podendo, na mesma Repartição, ser examinado o respectivo processo.

Para constar passo o presente, que assino. Intendência de Pecuária de Faro, em 24 de Fevereiro de 1956.

O Intendente de Pecuária  
a) Manuel Elias Trigo Pereira

de Portugal os seguintes números: famílias sem habitação, 2.592; com habitação sem ser em prédio, 10.596; em prédio ou parte, não destinadas a habitação 2.853; ocupando parte de fogo 193.234, e destas, ocupando todo o prédio 1.211.704.

Dois quadros incertos no mesmo boletim, um referente às famílias com habitação em prédio ocupando parte de um fogo, e outro sobre as que ocupavam um ou mais fogos dão-nos a distribuição das famílias segundo o número de pessoas que as compõem e o número de divisões.

Os esclarecimentos referentes às comodidades domésticas e condições sanitárias e as informações sobre as famílias com habitação em prédio segundo as condições perante o trabalho, a situação, na profissão, do chefe de família, e a natureza da habitação e, ainda, sobre o número de pessoas que a compõem, o número de divisões da habitação e a situação na profissão do chefe de família são ainda incluídos na publicidade do Instituto de Estatística sobre as condições de habitação da família.

O cuidado posto na elaboração dos quadros referentes a essas condições, permitindo um estudo sério dos problemas relativos a habitação, salienta a protecção constante dispensada em Portugal ao agregado familiar.

De: «O Jornal do Barreiro»

**TELEVISÃO EM PORTUGAL**

Dentro das suas possibilidades, Portugal tem acompanhado sempre, em todos os sectores, o ritmo do progresso que caracteriza o desenvolvimento dos povos modernos.

Também agora, enfileirando ao lado dos países mais adiantados, Portugal vai ter, dentro em breve, os seus serviços de televisão, o que constitui um motivo de desenvolvimento dos sectores de cultura e diversão.

Nesta orientação, não se poupou a esforços o Governo, nomeando uma comissão que estudasse eficientemente o problema e, concluídos esses estudos, lhe desse execução, de forma a ser dentro em breve uma realidade.

Elaborado o respectivo decreto, que fixa as normas a que deve obedecer a iniciativa, foi há dias assinada, na Emissora Nacional, a escritura constitutiva da sociedade concessionária, reservando-se o Estado um terço da capital. Do restante, um terço ficará a cargo dos postos particulares do País e o terço último caberá ao público, por meio de subscrição de capital aberta nos Bancos.

Prevê-se que dentro de dois anos a televisão portuguesa possa inaugurar os seus serviços, ficando o País dotado com mais este importante melhoramento.

**VENDE-SE**

Uma casa com 5 divisões e quintal, no sítio do Lazareto, por detrás da Lusofabril. Quem pretender dirija-se a Isabel Medeiros Bringel — Vila Real de Santo António.



**Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)**

Disputou-se no último domingo a 1.ª jornada da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão, tendo-se verificado os resultados seguintes:

Silves, 2 — Lusitano, 0  
Despertar, 2 — Esperança, 1  
S. Domingos, 1 — Serpa, 4

**SILVES - LUSITANO**

Jogo realizado em Silves, no campo «Francisco Vieira».

Árbitro: Sousa Pacheco.

SILVES: Inácio; Armando, Vicente e Pargana; José Maria e Fernandes; Lourenço, Ladislau, António Pedro, José Domingues e Rui.

LUSITANO: Ramos; Toni, Pescada e Viegas; Lopes e Gonçalves; Amílcar, Marco, Padesca, Travassos e Modesto.

O Lusitano, com esta derrota frente à equipa silvense, comprometeu a sua ida à fase seguinte, ao mesmo tempo que os rapazes de Silves viram as suas aspirações aumentarem.

O jogo disputado pelas duas equipas agradou, principalmente na segunda parte, quando os locais alcançaram os dois golos apontados por José Maria, na transformação dum castigo máximo, e por António Pedro, porquanto foi bem

disputado havendo bastante emoção e podendo por isso dizer-se que foi um autêntico desafio de campeonato.

A vitória coube à equipa que mais dominou, sendo portanto justa, mas os lusitanistas não saíram diminuídos da contenda e ofereceram sempre réplica condigna aos seus valorosos adversários.

A arbitragem satisfaz.

**DESPERTAR-ESPERANÇA**

O Despertar não mereceu o triunfo, porque os seus adversários jogaram mais; por conseguinte, teriam pelo menos direito ao empate.

**S. DOMINGOS - SERPA**

O resultado alcançado pelo Serpa foi excelente e coloca-o em posição de obter o primeiro lugar.

S. Salas

**CLASSIFICAÇÃO ACTUAL**

	J	V	E	D	B	P
Serpa	6	4	1	1	18	6
LUSITANO	6	3	1	2	10	7
Despertar	6	3	1	2	7	7
Silves	6	3	—	3	8	6
S. Domingos	6	1	2	3	8-19	4
Esp. Lagos	6	1	1	4	10-14	3

**O QUE É UM CINE-CLUBE**

IR ao cinema entrou definitivamente nos nossos hábitos e instalou-se na categoria daquelas necessidades subalternas, como ler os jornais, ouvir a rádio, frequentar os cafés, etc.

Colocado num mundo cada vez mais estreito, pelo encurtamento das distâncias no espaço e no tempo; em face da integração, cada dia mais acentuada, dos problemas nacionais de cada país no conjunto dos problemas internacionais; pela dependência do indivíduo perante a sociedade que gradualmente se afirma, existe, para o homem dos nossos dias, a necessidade de manter o contacto permanente com o mundo exterior.

O cinema facultava esse contacto. A poderosa influência e a atracção que exerce sobre as grandes massas de espectadores, a sua extraordinária popularidade, explicam-se pela simplicidade dos seus meios de expressão e pela universalidade da sua linguagem. Mais facilmente se interpreta um filme do que uma sinfonia ou um quadro.

O cinema é uma arte dinâmica, uma arte cujo poder de comunicação e cuja facilidade de entendimento correspondem às necessidades intelectuais e às preocupações estéticas do homem do nosso tempo.

Pela sua linguagem acessível, pela capacidade de dar a conhecer a realidade nas suas mais íntimas manifestações, pela facilidade de influenciar grandes massas humanas, o cinema pode ser um fabuloso instrumento nas mãos dos homens, para a difusão da cultura e para a aproximação dos povos de todas as latitudes da terra.

Sem o cinema nunca teríamos travado conhecimento com as Cataratas do Niágara, com o museu do Louvre ou com os esquismos do norte canadiano. Com o cinema conhecemos as últimas descobertas da ciência e da técnica; através do cinema desvendamos a vida dos povos mais ignorados, a sua arte, a sua cultura e o seu modo de viver; pelo cinema conhecemos a vida dos grandes vultos da História. O cinema revelou-nos um mundo imenso, ainda desconhecido.

Não são apenas as imensas possibilidades de transmitir emoções estéticas; mas também conhecimentos técnicos e científicos, históricos e artísticos, de cultura geral ou especializada.

O cinema serve-se dos recursos das outras artes na criação das suas obras: das artes plásticas, da música, da literatura. Mas nem por isso deixa de ser uma arte característica e individualizada, com meios de expressão próprios e específicos: — a imagem, o ritmo, a acção.

E se o cinema se serve das artes tradicionais, não é menos verdade que as serve também, contribuindo para a sua compreensão, para o seu conhecimento e divulgação.

Partindo das experiências de Lumière com o seu «cinematographo» — aparelho já aperfeiçoado comparativamente com outras tentativas anteriores e simultâneas para projectar imagens ani-

madas — o cinema foi-se desenvolvendo pouco a pouco no campo puramente técnico, até que, com Méliès e outros, entrou no domínio da arte.

Através duma evolução nem sempre positiva e contínua, mas rápida e ascensional, percorrendo caminhos zig-zagueantes, chega aos nossos dias como uma arte adulta, capaz de satisfazer as mais exigentes aspirações estéticas e culturais.

Mas o cinema não é apenas uma arte; é também uma indústria. Uma indústria poderosa em que estão investidos capitais fabulosos.

E é nesta dualidade que reside talvez o maior obstáculo ao seu desenvolvimento no campo artístico e cultural.

Como muito justamente diz F. Gonçalves Lavrador — «o cinema é uma arma, uma grande arma, mas com dois gumes. Tanto pode servir as mais elevadas concepções do homem, como as suas mais baixas tendências.»

Sujeito e condicionado aos interesses comerciais dos magnates que detêm em suas mãos os meios de produção cinematográfica, o cinema transformando-se numa rendosa fonte de lucros passou a servir desígnios menos legítimos e menos honestos.

E se o cinema pode contribuir poderosamente para a elevação da cultura dos povos, dignificando-os e dignificando-se, pode também contribuir, da mesma forma eficaz, para o seu embrutecimento, rebaixando-os e aviltando-se.

Apercebendo-se desta circunstância, os amadores da 7.ª Arte compreenderam a necessidade de lutar pela sua defesa, como instrumento de cultura e pela sua dignificação, como arte-linguagem.

Foi então que surgiram os cine-clubes, associações que se integram na definição já tornada clássica: «uma associação com fins não lucrativos, tendo por principal objectivo a projecção e estudo de filmes em sessões privadas, constituída por indivíduos moral, civil e socialmente idóneos; alheia a fins políticos, raciais e religiosos; que deve contribuir por todos os meios ao seu alcance para o desenvolvimento da cultura, dos estudos históricos, da técnica e da arte cinematográficas, para o desenvolvimento dos intercâmbios culturais cinematográficos, para a defesa do cinema como arte e como linguagem...»

E porque a sua missão correponde ao interesse e às aspirações das grandes massas de espectadores o seu desenvolvimento e a sua popularidade têm-se processado num ritmo surpreendente. Em todas as camadas sociais estes simpáticos clubes têm sido aceites com geral compreensão.

No interesse do cinema e do espectador, ainda bem.

João Vargas

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

Seja económico  
Poupe muito dinheiro  
PREFIRA A  
**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTONÍO  
Telefone 59 Apartado 3

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO III N.º 143

DOMINGO

4 - Março - 1956

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietario  
Armando R. Cruz

## COMO UM CRONISTA viu a nossa terra

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

porto, onde vai parar todo o tráfego marítimo e piscatório. Creio que é um dos mais importantes da costa portuguesa. E', com certeza, dos mais encantadores. Em frente, distingue-se claramente Aiamonte, onde se vai por dez minutos, com sua casaria contagiada pelo branco algarvio e o cais à beira de água para o desembarque. Se as férias não estivessem na agonia, talvez me decidisse a tomar o vaporzito e a ir até lá. Sempre gostei imenso da Espanha e dos seus costumes...

À beira do mar e da baía do Guadiana estendem-se as muitas fábricas de conserva. Esta é a grande riqueza da vila, fonte prodigiosa de fartura e opulência. Espreitámos uma delas e logo nos apareceu quem nos convidasse para a visita. Realmente, vir a Vila Real e não visitar uma fábrica de conservas seria monstruoso!

Entrámos. Vinha chegando o peixe em pequenos cestos. A sardinha, também prateada como as casas, era lavada e preparada por mulheres, e logo disposta em tabuleiros para a cozedura rápida. Depois seguia-se a seca do peixe pelo ar frio e logo o enlartamento. Percorremos as oficinas de soldadura, as salas dos operários, as instalações patronais, os escritórios, todas as dependências, enfim.

E no final e ao cabo, quando fomos a sair e a agradecer as gentilezas dispensadas, ainda nos ofereceram latas de conserva como recordação da fábrica e daquela hospitalidade inegalável!

Fomos até à Praça Marquês de Pombal, cujo título serve de homenagem ao homem que reconstruiu a povoação depois do terramoto de 1755, e ali descansámos na esplanada de um Café, à sombra de um toldo acolhedor.

O edifício dos Paços do Concelho, ao fundo, destacava-se com certa altivez e imponência. Correspondia assim à importância da vila e da sua indústria...

Levávamos recordações aos montes! As malas reurgitavam! Eram as galinhas e os pintos de figos e amêndoas, e os doces regionais, as latas de conservas, mil bugigangas e galantarias, e um célebre peixe de ovos e gila, com olhos e tudo, que requeria os nossos maiores cuidados para chegar intacto ao seu destino!

## «RODOVIÁRIA»

Safu mais um esplêndido número, o 6.º, da «Rodoviária», revista de transportes e turismo, que já se afirmou como a melhor publicação no género. O presente número, dedicado à nossa província, insere óptima colaboração, merecendo especial referência a interessante crónica do com. Álvaro Valente, «O Algarve de Carrinhas». A capa reproduz uma das características chamadas algarvias sobre um fundo de amendoeiras.

Visado pela Comissão de Censura

## O DR. BACELAR OLIVEIRA REGIONALISMO A PROPAGANDA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

render as possibilidades existentes...

— Muito bem — atalhamos. Mas o sr. dr. Bacelar nem nos ouviu. Prosseguiu sempre, com entusiasmo:

— Julgo que a carência de instituições universitárias se fez sentir extraordinariamente no nosso meio. Chegamos a uma época de desenvolvimento em que elas são postuladas pelas próprias condições sociais da nossa gente e dos seus problemas. Braga tem neste ponto uma responsabilidade e uma missão a cumprir, à face de si própria e à face da Nação...

No Congresso de Filosofia não se excluiu ninguém

E convicentemente: — Mais tarde ou mais cedo, sim. Uma fase de desenvolvimento natural tudo encaminha para aí. — Refere-se à Faculdade de Filosofia...

— Não me refiro apenas a ela. Esta pode ser um dos elementos, com a vantagem de ser real e já comprovado na sua experiência. Mas não é o único. Por sua parte, cumpre apenas o que lhe descrevi como missão: — estabelecer um vínculo entre o pecúlio da cultura filosófica antiga e as formas de pensamento actual. Como viu, no Congresso não se excluiu ninguém. Quis-se apreciar as possibilidades existentes. Quando a inteligência é franca e sincera, chegam encontrar a Verdade se a busca com um esforço diligente e humilde. Não se lembra daquela passagem do Evangelho em que Jesus agradece ao Pai o ter escondido aos grandes e revelado aos pequenos o melhor da Sabedoria?

— Sim, recordamo-nos de muitas passagens dos Evangelhos que têm andado por aí muito esquecidas... — O efeito há-de notar-se num maior estímulo para a actividade filosófica, na consciência comum dos problemas respeitantes ao ensino e ao cultivo da Filosofia, no conhecimento real de que existe no País verdadeiro interesse pelas obras filosóficas, nas assembleias que consecutivamente serão promovidas para ventilar questões doutrinais em fases posteriores, como ficou estabelecido.

Braga vai tomando consciência pouco a pouco dos seus problemas

A conversa ia animada. Não lhe devíamos tirar o calor do diálogo. Mas pareceu-nos oportuno desviá-la para o objectivo da nossa visita. Logo o sr. dr. Bacelar nos atalhou: — Segui com interesse o inquérito que realizou no «Correio do Minho», e felicito-o pela iniciativa. A cidade vai, pouco a pouco, tomando consciência dos seus problemas e dos seus valores. Julgo que do respeitante à Biblioteca, lhe devemos a arte de ter tocado um problema que por vezes não ocorre. E também, a propósito disso, de descobrir alguns elementos de valor, já existentes, mas talvez pouco conhecidos ainda. Tomemos por exemplo o que sucedeu durante o Congresso de Filosofia...

— Pois faça o sr. dr. o favor de dizer o que mais se lhe ofereça sobre o Congresso.

— Refiro-me a um campo dos mais ricos e menos explorados. Como fruto do trabalho do Ex.º sr. director da Biblioteca Pública de Braga, dos seus dois cooperadores imediatos, srs. drs. Moreira e Egídio Guimarães, do ilustre investigador dr. Xavier Monteiro e do P.º António Ambrósio de Pina, jesuíta, foi possível, em poucas semanas, arrancar do silêncio aquele maravilhoso tesouro de Bibliografia Filosófica. Não foi completa...

— Nem pretendeu sê-lo, certamente...

— ...nem podia sê-lo. Não devemos julgar as coisas por uma ou outra ausência, mas pelo positivo da presença que revelam...

— Exactamente...

— E como conteúdo positivo ela patenteou, por rápido, embora tenaz esforço, o que foram em actividade filosófica os nossos séculos passados. Publicaram-se obras de vulto, que tiveram influência europeia, fizeram escola nas Universidades, merecem a citação e homenagem dos próprios filósofos da Idade Moderna...

E num recolhimento de quem procura recordar-se:

— Ainda recentemente um cateadrático dos de mais nome e mérito nas nossas Universidades me contava o que ouvira a Bergson de apanágio sobre os «Conimbricenses»...

Sobre a decadência da Filosofia

— Como encara, então, o sr. dr. o tema da decadência filosófica?

— ... Julgo que houve uma época onde, de facto, em Portugal não só se ensinou Filosofia mas se escreveu sobre Filosofia e se pensava segundo os cânones de uma mentalidade que era regulada pela Lógica no curso das ideias e por uma verdadeira metafísica da concepção da realidade. Era sobretudo uma Escola e uma orientação, sem dúvida nenhuma. Mas era a permanência das grandes linhas do pensamento greco-romano na sua forma aristotélica e tomista. Uma visão que não é única, mas que mereceu, por antonomázia, o nome de Filosofia Perene.

As nossas bibliotecas são ricas em obras que a mesma produziu.

Uma corrente de ideias não deve excluir as outras ideias

— Mas não será demasiadamente homogênea em produção?

— Quando se acentua uma corrente de ideias, não se excluem as outras. Ouvimos ao ilustre representante do Instituto Luis Vives de Filosofia, no Congresso, o prof. Mindán Manero, uma exposição lúcida, franca e compreensível, sobre a razão de ser dos diversos sistemas e linhas de pensamento, como formas concretas para atingir a Verdade que é uma. No seu encontro com o homem que a considera assente na história, isto é, no acto vivo da sua posição e da sua existência, poisando e transcendendo o mundo e o tempo, ela resplandece sobre claridades diversas e admite toda uma gama de expressões. Mas isso não lhe muda a substância. Não são diversas as línguas para exprimir um mesmo pensamento? Não diferem as artes para a interpretação dum motivo supremo que pode inspirar o músico, o escultor, o pintor e o poeta?

A inteligência em busca da Verdade encarna-se e exprime-se segundo o seu modo. Surgem os sistemas, os corpos de doutrina. Mas a Verdade deve ficar intangível...

— E o panorama da bibliografia filosófica portuguesa?

— Portugal teve verdadeiramente um pensamento filosófico que se fez seu, se consorciava com a forma real da vida dos seus homens, regulava as instituições, regia a comunidade, servia de substrato à mentalidade nacional... Durante dois séculos formou-se nos princípios da Filosofia Escolástica.

— De modo que a nossa bibliografia era predominantemente...

— O nosso corpo próprio de doutrina era de teor aristotélico-tomista e escolástico. Isso explica que a mais rica produção filosófica se encontre nesse campo. Mas notemos que, simultaneamente, outras formas, mais agustínianas, de pensar estavam bem vivas na actividade espiritual, na bibliografia ascética e mística, na própria forma daquele indefinido espraiar-se por regiões limítrofes, não se saciando com nenhuma, por um modo menos profundo mas mais comunicativo, de que nos falava o prof. Délio Santos no seu «Perfil Espiritual do Pensamento Português», na Sessão Solene Comemorativa da Filosofia Portuguesa.

Fez uma pausa para continuar:

— Como quer que seja, Portugal teve um corpo de Filosofia própria, e dentro da nossa história há uma época que se consorciou com a renascença europeia do pensamento grego e do pensamento medieval. Nessa altura, a Biblioteca Filosófica enriqueceu-se com Pensadores Portugueses. A fileira respeitável das suas obras não é mais que o vulto de um pensamento sólido, logicamente bem conduzido, metafisicamente estruturado, procurando por isso atingir a profundidade do Ser. Uma das coisas que deve ensinar-nos um inquérito sobre as nossas Bibliotecas é a explorar o grande tesouro de doutrina, muito nossa, que nelas existe, e de que nem temos ainda uma história.

Victor de Sá.

(Continua no próximo número)

## BAILE DE BENEFICÊNCIA

No Salão Nobre da Capitania do Porto, gentilmente cedido para esse efeito, realiza-se no dia 1 de Abril, domingo de Páscoa, um grandioso baile com a participação de uma excelente orquestra e de alguns artistas da nossa rádio. A receita deste baile destina-se ao Refeitório de Indigentes desta vila.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mas pobre, bastante pobre, mesmo na massa, anónima do seu povo, daquele povo dolente, triste, pacífico que a cada passo topamos no caminho.

A valorização do Alentejo requer, certamente, uma acção intensa, verdadeiramente sobre-humana, à qual todos os alentejanos, sem distinção de grau social, possam dar a sua colaboração. É difícil, quase impossível, conseguir-se tal cometimento. No entanto, a inteligência, a força indomita dos portugueses e a persistência, talvez o logrem obter.

Competirá às Juntas de Freguesia, às Camaras Municipais, aos Grêmios, às Caixas Sindicais, aos Sindicatos, às Casas do Povo, bem como — e em alto grau, pela sua própria valorização, nem sempre encarada a sério — à tão injustamente chamada Pequena Imprensa, como às modestas mas bem proveitosas Sociedades de Recreio e, até, aos clubes desportivos, pugnar por tudo quanto possa trazer proveito à terra ou à região que representam, e não será difícil, na verdade, conseguir-lo. Bastará, para tanto, que tenham sempre um amor devotado e bairrista pela sua terra e estejam dispostos a defender, contra todas as vicissitudes e inércias, os seus inalienáveis direitos e anseios.

Não importa o sacrifício pessoal. O homem é apenas uma partícula da sociedade e compete-lhe sacrificar-se pelo bem comum.

É preciso que haja entre todos os portugueses um intercâmbio cultural, espiritual e formativo, e que se incuta neles a necessidade de se conhecerem a si próprios.

Quase todos os portugueses anseiam mais por conhecer outras nações e outros povos do que por tomar contacto com os seus compatriotas, auscultando-lhe os anseios e fazendo causa comum, para encontrar a justa solução para os atender. Quantos não são aqueles que, orgulhosa e jactanciosamente, contam a quem tem a benevolência ou delicadeza de escutá-los o que encontraram por terras de Espanha, por exemplo, mas jamais conheceram o Alentejo, o Minho, o Douro, as Beiras ou o Algarve.

Os portugueses deveriam ter bem mais orgulho em conhecer a sua Pátria, e que Pátria, a mais formosa e linda que olhos de mar e luz de luar viram ainda, como dizia Junqueiro.

Com as suas visitas aprenderiam não só a amar ainda mais o seu torrão, como a profundar-lhe os problemas e as necessidades, o viver do seu povo e a beleza das suas paisagens.

Todos juntos, não somos de mais para tornar este pequeno Portugal num país florescente e digno de ser apresentado ao mundo como exemplo. Todos juntos, não somos de mais para dar o nosso trabalho, o nosso esforço, a nossa boa vontade e a nossa inteligência para o guindar à sua grandiosidade do passado.

José dos Santos Marques

Assinal e propagal «Noticias do Algarve»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Janeiro», levados pela nossa sugestão a propósito das festas das Bodas de Ouro do Carnaval de Loulé, temos ouvido inúmeros louquices e, entre a correspondência dos nossos amáveis leitores, destaca-se, pela sua objectividade, a carta de uma distinta senhora, que, acompanhando sua família, foi vítima do desconforto de alojamentos da bela província do sul, onde unicamente a natureza e os engenheiros de estradas fizeram uma obra digna. Fora disso, como aliás tantas vezes temos dito, nada se fez no Algarve, que está longe, mesmo muito longe de poder realizar um plano de boas actividades turísticas.

Ninguém mais que nós lamenta o facto, pois reconhecemos, nessa região meridional, a existência de um magnífico turismo em potencial. Contudo, mais uma vez o afirmamos, as suas directrizes estão absolutamente erradas, e daí ter-se criado uma situação verdadeiramente crítica que, de ano para ano, pelas suas graves consequências, vai gerando uma atmosfera de receio entre os viajantes que pensam visitar o Algarve.

Não nos ouvem as comissões de turismo, a quem inúmeras vezes temos chamado a atenção para casos como este, porque, se nos ouvissem, preocupar-se-iam mais com a objectividade destes problemas do que com a fantasia de propagandas mal fundamentadas. Não são esses organismos turísticos os proprietários de hotéis e pensões a quem se assaquem culpas pelo seu desinteresse e insuficiência profissional, mas são, até certo ponto, os responsáveis por estes retrocessos e por estes desmazelos. O papel duma comissão de turismo é, em parte, um trabalho de sapa, no qual se deve empregar habilidade, optimismo, bairrismo e incutir, ao mesmo tempo, confiança que se justifique, prestar auxílio pecuniário sempre que possível e, acima de tudo, assistência técnica em todos os assuntos relacionados com turismo.

Assim não se faz turismo nem

## O Monumento ao Poeta Bernardo de Passos

A Câmara Municipal de S. Brás de Alportel deliberou, em sua sessão de 20 do mês findo, destinar a placa central do largo de S. Sebastião da referida vila, terra natal de Bernardo de Passos, ao monumento a erigir ali àquele glorioso poeta.

São autores do dito monumento o consagrado escultor Raúl Xavier e o distinto arquitecto nosso conterrâneo Manuel Gomes da Costa Rebocho.

A subscrição a favor do mesmo continua aberta na Casa do Algarve, R. Capelo, 5-2.º — Lisboa.

## A TERCEIRA FASE DO SANEAMENTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

peça ordinária, no que respeita a Assistência, gastaram-se 75.327\$50 com a hospitalização de doentes pobres, além dos subsídios de 57.200\$00 e 30.000\$00, respectivamente, concedidos à Comissão Municipal de Assistência e ao Refeitório de Indigentes da vila. Especificam-se no relatório todas as obras começadas, já concluídas ou decorrentes, nele se fazendo também referência à compra de dois prédios à comissão liquidatária da firma Salles, e de um terceiro a Afonso Malaquias Domingues, que se destinam a fins urbanísticos. Num desses prédios, o da antiga fábrica Salles, será provisoriamente instalado o mercado de peixe. Vê-se, ainda, que na construção do jardim, na Avenida da República, já foi dispendida a verba de 108.828\$20 e que das obras actualmente por concluir, a da reparação da Rua Teófilo Braga e ligação das ruas Jacinto José d'Andrade e Oliveira Martins está em litígio e entregue ao Supremo Tribunal de Justiça, cuja douta resolução se espera. Finalmente, o relatório elucidica que, quanto à obra de saneamento da vila, 3.ª fase, mais uma vez o novo plano elaborado (o segundo) tem de sofrer alterações impostas pelas entidades superiores. Aguarda-se agora, uma vez executadas essas modificações, que o novo plano seja aprovado por quem de direito, para que essa obra, cuja falta tanto se faz sentir na zona Sul da vila, possa ser começada.

coisa que de longe se pareça. «O Primeiro de Janeiro» através desta secção, tem enaltecido a indiscutível beleza algarvia, pois o Algarve encerra, no ponto de vista turístico, tesouros inestimáveis. O povo é bom, simpático, brioso e prestável. O algarvio tem em elevado conceito a dignidade humana e a isso se deve, em parte, a inexistência da mendicância industrial na deslumbrante província do Algarve. Tudo isto representa dons altamente apreciáveis, razão por que gostosamente temos sido paladino dessa região de sonho, onde o sabor da lenda anda de mistura com a beleza da realidade.

## DÁ DEUS NOZES A QUEM NÃO TEM DENTES

No entanto, o suave encanto que se desprende da terra algarvia não nos perturba os sentidos ao ponto de nos cegar perante a dureza de certas verdades. Precisamente porque nos interessam os seus problemas, é que nos atrevemos a fazer estas considerações e a chamar a atenção de quem possa remediar os males que tanto a prejudicam. Cegos, no nosso entender, estão os algarvios que não avaliam ainda as consequências do seu desmazelo. Sim, porque actividade, dinamismo e bairrismo, não é só fazer festas e deitar foguetes.

Pode a nova legislação do turismo português modificar as coisas? Pode, mas para isso é preciso que o Algarve acorde do seu sonhar e abra bem os olhos perante as realidades do presente.

Turismo, sem cama e mesa, não é possível fazer-se. Como é de lamentar que na província portuguesa de melhores géneros e produtos alimentícios, excepção feita à carne bovina e lactácios, a mesa tenha um nível tão inferior! Como é de lamentar, também, que em terra de povo tão simpático e prestimoso, inteligente e amável, o alojamento hoteleiro, na sua maioria, seja de má recepção, mal instalado e desconfortável!

Que pena tudo isto nos causa, e mais ainda por verificarmos que ao Algarve o que lhe falta são os dentes, pois as nozes deulhas Deus com muita fartura. Não se queixam, felizmente, os nossos leitores, de que os indúzimos em erro ao dar-lhes, de vez em quando, sugestões para visitar a província portuguesa onde o céu é mais profundo e o mar é mais azul. Os que lá foram recentemente, durante as férias do Carnaval, dizem-nos que o espectáculo das amendoeiras floridas foi prodigioso, pois as graciosas arvoredzinhas estavam em plena floração. Do que se queixam, repetimos, e escutem-nos os algarvios interessados pelo progresso do seu turismo, é da «falta de cômodos numa casa onde os donos tanto acenam para que a visitem».

Oxalá este nosso desabafo e interesse não seja mais um brado no deserto. Oxalá, para que neste caso do Algarve, o «carro não continue a andar à frente dos bois», isto é, «arrumem e preparem primeiro a casa, e só depois disso façam a festa e os convites».

## SUBSÍDIOS às instituições de assistência do Algarve

A respectiva Direcção Geral concedeu aos estabelecimentos de Assistência do Algarve os seguintes subsídios de cooperação: Misericórdias: de Vila Real de Santo António, 42 contos; de Albufeira, 16; de Faro, 240; de Lagoa, 28; de Loulé, 76; de Lagos, 32; de Monchique, 30; de Portimão, 70; de Silves, 70; de Tavira, 75; de Vila do Bispo, 18; de Alcoutim, 12; de Castro Marim, 10; Associação Protectora das Florinhas do Sul, Faro, 24; Instituto de Assistência Social de Nossa Senhora de Fátima, Olhão, 72; Centro de Assistência Social de Nossa Senhora do Carmo, Lagos, 20; de Aljezur, 8.

Por sua vez, o Fundo de Socorro Social concedeu os seguintes subsídios ordinários: Comissões Municipais de Assistência, de Vila Real de Santo António, 12 contos; de Olhão, 30; Faro e Lagos, 24 a cada; Loulé, Portimão e Silves, 18 a cada; Tavira, 16; Monchique, 6; Albufeira e Vila do Bispo, 4 a cada; Alcoutim, 5; Aljezur, Alportel e Castro Marim, 3 a cada; Infantário Nossa Senhora de Fátima, Faro, 48; Associação de Mendicância de Tavira, 12; Misericórdias, de Lagos, 12; de Faro, 10; e de Loulé, 4.